



Um intervalo histórico.

Sobre *Walter Benjamin: os cacos da história*, de Jeanne Marie Gagnebin.

Luciano Gatti*

*Walter Benjamin: os cacos da história*¹ – o último livro de Jeanne Marie Gagnebin é também o primeiro publicado por ela no Brasil. Mais de três décadas atrás, em 1982, o livro endereçava-se a um público ainda pouco familiarizado com a obra de Benjamin. Na época, as traduções limitavam-se a poucos ensaios, em particular àqueles reunidos no volume da coleção *Os Pensadores* dedicado à Teoria Crítica. Se a coletânea divulgava o crítico de arte materialista (“O surrealismo”, “O narrador”, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, “Sobre alguns temas em Baudelaire”)², também deixava à sombra aspectos menos favoráveis à primeira recepção. Nessas circunstâncias, um dos méritos do livro de Jeanne Marie Gagnebin era apresentar outras facetas do autor num momento em que grande parte da obra era de acesso restrito. Retrospectivamente, vemos que o livro preparava o terreno para as traduções que viriam na sequência, em particular aquelas publicadas pela Brasiliense (o grande trabalho de juventude – *Origem do drama barroco alemão* – além de escritos autobiográficos, montagens literárias, relatos de viagens e ensaios

* Professor do Departamento de Filosofia da Unifesp.

1 GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os Cacos da História*. São Paulo: Editora N-1, 2018. O mesmo livro foi originalmente publicado em 1982 pela editora Brasiliense.

2 BENJAMIN, HORKHEIMER, HABERMAS, ADORNO. *Textos Escolhidos*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Os textos de Benjamin desse volume foram traduzidos por José Lino Günnewald, Edson Araújo Cabral, José Benedito de Oliveira Damião, Modesto Carone e Erwin Theodor Rosental.

críticos nos três volumes das *Obras Escolhidas*)³. Hoje, a republicação nos coloca uma pergunta: trata-se do mesmo livro de décadas atrás? A resposta imediata é “sim”, pois ele não foi alterado nem reescrito. Nesse sentido, ele permanece uma apresentação de conjunto imprescindível aos novos leitores de Benjamin. Ocorre que o intervalo entre as duas edições inevitavelmente coloca a questão da sua atualidade, pois a nossa posição recobre o texto antigo com uma nova camada de sentido e nos adverte contra ler o livro somente como aquele que foi escrito na década de 1980.

A questão da atualidade pode ser pensada de muitas maneiras. Seria possível, por exemplo, situar as considerações da autora diante do que foi escrito posteriormente sobre Benjamin, nessas últimas décadas de sua recepção brasileira, incluindo os livros dela mesma⁴. Basta cotejarmos o livro com as “indicações de leitura” atualizadas ao final do volume para notarmos que os temas ali trabalhados já estavam ao menos sugeridos no livro de 1982. Outro aspecto da atualidade do livro diz respeito às exigências colocadas pela obra de Benjamin, recuperadas por Jeanne Marie no recorte que oferece de sua obra, em especial nas conexões que ela busca evidenciar entre “Os anos de exílio”, com que abre o livro, e o vínculo entre “Memória e libertação” em seu fecho. A questão é como nos situamos hoje diante da perspectiva histórica a partir da qual ela nos introduzia ao pensamento de Benjamin. Essa perspectiva é razoavelmente explícita no livro, em especial no novo prefácio. Com a ditadura chegando ao fim, diz ela, havia exigências históricas a cumprir e uma nova história a se escrever. Essa perspectiva havia sido exemplarmente exposta por Benjamin nas teses “Sobre o conceito de história”, texto-testamento em que a rememoração das esperanças e das derrotas passadas constituía, em última análise, o ponto de encontro incontornável da escrita da história com a ação política. Não é por outro motivo que o último capítulo de *Os cacos da história* leva o título de “Memória e libertação”. Iluminar essa exigência como o fio vermelho costurando a obra de um autor avesso a sistemas atendia a uma exigência colocada pela própria obra, mas não só. Ela também tinha a sua contrapartida nas circunstâncias imediatas de escrita da autora, num país tateando para fora da ditadura militar, sem saber o que fazer com os

3 Cf. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984; *Magia e Técnica. Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985; *Rua de Mão Única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987; *Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo, Brasiliense, 1989.

4 Cf., entre outros, GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994; e *Limiar, Aura e Rememoração. Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo, Ed. 34, 2014.

mortos e desaparecidos do período que se encerrava. Como bem lembra Ernani Chaves no posfácio à nova edição, não é casual a dedicatória à memória de Luís Travassos. O líder estudantil e ex-presidente da UNE, preso pela ditadura e banido do país em troca do embaixador norte-americano Charles Elbrick, havia morrido num acidente de carro pouco antes da publicação do livro. No prefácio a essa reedição, ela ressalta que, apesar de tudo, soprava uma brisa de esperança no início daquela década, logo após a Lei da Anistia. Naquela época, ressalva ela, quando as circunstâncias eram outras. A nova edição inevitavelmente recoloca essa questão para o nosso tempo, e nos leva a questionar como ela nos aparece hoje, quase quatro décadas depois. Eis a ocasião para se pensar um *intervalo histórico*. Acredito que o contraste entre as duas épocas – a nossa e aquela – pode ser evidenciado pelo modo como Benjamin aparece no livro, cujos contornos cabe aqui ressaltar.

Aparentemente o livro seguia o modelo “vida e obra”, próprio a livros dedicados ao retrato sucinto de um autor em meio à sua época. Embora o livro recupere dados biográficos, da formação intelectual, passando pelas dificuldades financeiras durante os anos de exílio em Paris, à relação conflituosa com a família e com os interlocutores mais próximos, o livro não cede às simplificações que rondam esse formato, em particular à tentação de deduzir o pensamento da vivência imediata. Ao contrário, o livro, ao expor esse pensamento, evidencia algo que o próprio Benjamin tratou de deixar claro na carta em que responde às objeções de Adorno a respeito de seu ensaio sobre Baudelaire. Ao sustentar que a dialética não se encontrava na mediação pela totalidade, mas na construção de uma perspectiva histórica, da qual dependeria uma nova relação entre presente e passado, Benjamin dizia: “As linhas de fuga dessa construção convergem em nossa própria experiência histórica”.⁵ É possível ler essa frase não apenas como uma explicitação do que ele escrevia naquele momento, mas também dos vínculos entre o seu projeto intelectual mais amplo e a experiência de sua geração. Esse vínculo ecoa no livro de Jeanne Marie, de modo que o costumeiro “vida e obra” se reverte na conexão de pensamento e experiência. Sendo assim, os acontecimentos dos anos 10 a 30 não surgem na condição de “contexto”, mas como a exposição particular da experiência de uma geração no trabalho intelectual de um indivíduo.

5 ADORNO, T. W; BENJAMIN, Walter. *Correspondência 1928-1940*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013, p. 415.

Essa experiência se constitui em reação a certas circunstâncias históricas, como a derrota da revolução alemã e a ascensão do fascismo, uma reação que no pensamento de Benjamin se traduziu na recepção conflituosa de tradições muito díspares, em particular a mística judaica e o materialismo histórico. Esse conflito se expunha ainda nas relações pessoais de Benjamin com Gershom Scholem, com Asja Lacis e Brecht, com Adorno e Horkheimer. Benjamin lidou com essas conexões ao longo de toda a vida e cuidou para que as tensões, ao invés de se apaziguarem, se tornassem produtivas. A abordagem de conjunto buscada por Jeanne Marie ressalta tal convivência de contrários, sem reduzir o autor a uma ou a outra, seja ao judaísmo, seja ao materialismo. Os dois capítulos centrais do livro – “Judaísmo e materialismo” e “A verdade da crítica” – são dedicados a evidenciar essas linhas de força conflituosas.

O primeiro deles defende que teologia e materialismo, judaísmo e marxismo, do mesmo modo que não se excluem, como se um tivesse que ser negado para dar lugar ao outro, também nunca foram objetos de identificação por parte de Benjamin. Pelo contrário, ele sempre manteve um pé atrás perante vertentes de ambos, do sinonismo ao partido comunista. Uma carta de Benjamin a Max Rychner, por sua vez, em que ele defende a conservação de elementos teológicos em seu materialismo, serve à autora para identificar em Benjamin não uma adesão “aos preceitos ou dogmas da religião judaica”, mas a apropriação de um “modelo de leitura herdado da leitura dos textos sagrados” (p. 41). Segundo esse modelo, especialmente presente na tradição mística da Cabala, a “interpretação não pretende delimitar um sentido unívoco e definitivo; ao contrário, o respeito pela origem divina do texto impede a sua cristalização e sua redução a um significado único” (p. 41). Benjamin teria, portanto, encontrado na tradição judaica um modelo para a relação entre verdade e história. O papel desempenhado pela recepção em sua interpretação dos textos literários – lendo textos profanos como se fossem sagrados – seria uma consequência desse modelo. Simultaneamente, daí ele também extrairia uma concepção própria de crítica materialista, em franca oposição aos seus colegas também materialistas – basta pensar em sua leitura de Kafka, nitidamente oposta àquela defendida por Brecht.

São considerações semelhantes que orientam o capítulo seguinte – “A verdade da crítica” – em que Jeanne Marie expõe uma atenção constante, em toda a obra, aos aspectos históricos e materiais das obras de arte. Da alegoria barroca à alegoria baudelairiana afirma-se, por motivos diversos, a transitoriedade do sentido. A

historicidade dos materiais artísticos, por sua vez, orienta tanto a sua abordagem das *As afinidades eletivas* de Goethe quanto, posteriormente, do conceito mesmo de obra de arte, o qual se transforma perante o declínio da aura e a ascensão de uma arte de massa representada pelo cinema. Benjamin faz de cada um desses fenômenos a ocasião para pensar como elementos da história passada chegam ao tempo presente. Não por acaso, crítica e historiografia aparecerão entrelaçadas no capítulo final do livro.

A intenção aqui, ao recuperar esses elementos, não é fazer um resumo do livro, mas evidenciar as estratégias da autora. O que ela faz não é simplesmente retomar temas diversos da reflexão de Benjamin com o intuito de defender a unidade de seu pensamento contra a sua identificação apressada e seletiva a uma ou outra vertente teórica ou política. O cerne do livro é o esforço de apontar que o sentido de certas continuidades, de certos fios condutores que costuram a experiência intelectual de Benjamin, só se mostra por inteiro numa zona de conflito, em que posições e tradições em disputa são convocadas a compor o que Benjamin chama, nas teses “Sobre o conceito de história”, de “constelação saturada de tensões”. Um exemplo entre muitos pode ser tirado do ano de 1934, em que ele não apenas trabalha em dois ensaios absolutamente contrastantes – “O autor como produtor” e o grande ensaio sobre “Franz Kafka” – mas também submete esse último a uma espécie de “experimento antropológico” ao debatê-lo com Scholem, Brecht e Adorno. Haveria aí caso exemplar daquilo que o próprio Benjamin disse a respeito de si mesmo em uma carta a Gretel Adorno, desse mesmo ano de 1934, ao escrever que sua vida e seu pensamento se moviam entre posições extremas.⁶

Um dos sentidos da estratégia do livro é, portanto, o de fazer justiça a esse movimento entre os extremos. Como a autora toma partido perante a recepção de Benjamin num momento em que os seus escritos já haviam se tornado mais um patrimônio da cultura, notamos que o título – “os cacos da história”, mais uma alusão à tradição judaica – não apenas ressalta uma das linhas mestras da obra de Benjamin, mas também mimetiza a tarefa do historiador benjaminiano, colocada em prática por ela: chamar a atenção para o modo como essa obra chega a nós, recolher seus estilhaços e reuni-los sem encobrir as condições responsáveis por seu caráter fragmentário e disperso, por aquilo que ela sintetiza como um “fracasso exemplar”.

6 ADORNO, Gretel; BENJAMIN, Walter. *Briefwechsel 1930-1940*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005, p. 156.

Essa era, em linhas gerais, a estratégia para apresentar Benjamin ao leitor brasileiro no início dos anos 1980. Dado o caráter um tanto tardio dessa recepção, o leitor é introduzido a Benjamin já com as devidas ressalvas contra as polarizações e reducionismos que haviam rondado a sua recepção no pós-guerra, desde a edição de seus textos por Adorno (e a edição das cartas por Adorno e Scholem) e a politização do movimento estudantil nos anos 1960. Daí a ênfase contra os que reduziam Benjamin ora a um materialista otimista e dialético medíocre, ora a um teólogo e místico judeu (p. 15). Confrontar tais equívocos não seria apenas um preciosismo da especialista com a coerência interna de uma obra em que conviviam judaísmo e materialismo, arte burguesa e política de esquerda, mas uma preocupação com a complexidade mesma dos fenômenos analisados por Benjamin, complexidade essa que estaria – é o que o livro defende – mais afinada com as contradições mobilizadas pelo autor do que com partidarismos unilaterais. O “movimento entre extremos”, que marca o pensamento de Benjamin, teria os dois pés bem fincados na experiência de sua época: a derrota da revolução; a institucionalização de direitos sociais na República de Weimar; a hiper-inflação; o fracasso da social-democracia; a ascensão do nazismo. Essa sucessão de eventos, que culmina na catástrofe maior da geração de Benjamin, foi vista por ele como comprovação de que determinadas conquistas não eram garantia de um desenvolvimento histórico linear em direção a uma situação melhor – essa é a sua crítica à social-democracia alemã. A aposta na continuidade levou à regressão: eis o aprendizado extraído por Benjamin daqueles acontecimentos. Nesse contexto, a convivência dos contrários em seu pensamento foi a forma encontrada para lidar com essa conjunção de progresso e catástrofe. Seria esse o núcleo do último capítulo do livro.

A estratégia da autora rendeu frutos, tanto que dificilmente encontramos tentativas de escamotear essas disparidades na recepção brasileira do autor, recuperada pela autora nas indicações de leitura ao final. Não seria exagero dizer que muitos desses estudos tem neste pequeno livro o seu ponto de partida. Tamanho sucesso nos leva hoje, por ocasião dessa nova edição, a debater a sua atualidade. Daí a necessidade de pensar o intervalo histórico entre a primeira edição e a mais recente. Por um lado, um livro que dê conta em poucas páginas da complexidade do autor continua imprescindível à formação de novos leitores. Por outro lado, seria possível situar o livro diante da discussão acumulada em mais de três décadas de

produção acadêmica no Brasil sobre Benjamin e perguntar se tamanha ênfase contra certos partidarismos na leitura de Benjamin não estaria por demais datada; se ainda seria necessário defender a relação entre teologia e materialismo como uma contribuição original e pertinente ao próprio materialismo; se esse debate, não apenas teórico, mas também político, não teria ficado para trás. De um ponto de vista estritamente acadêmico, numa conversa de especialistas, talvez sim. Do ponto de vista social-democrata que predominou na Teoria Crítica nas últimas décadas, provavelmente também, embora por outros motivos, possivelmente devido ao caráter anacrônico do materialismo defendido por Benjamin. Pois a experiência da geração de Benjamin não seria mais a nossa.

É bem possível que a experiência mais imediata à escrita do livro também não seja mais a nossa. Naquela época, Jeanne Marie, além de assumir posição perante os debates sobre o autor, escrevia em um contexto marcado pelo encerramento de um ciclo de repressão e abertura de um período mais democrático. A questão da reparação histórica estava na ordem do dia e se beneficiava da discussão proposta por Benjamin. Essa questão continuava presente, por exemplo, em 2006, na ocasião do lançamento de outro livro dela – *Lembrar Escrever Esquecer*⁷ – quando o debate sobre a memória coletiva necessariamente passava pelo desafio da reparação histórica num contexto de “normalidade” democrática. Caso esse pequeno livro tivesse sido relançado na década passada, talvez essa mesma questão viesse ao primeiro plano, ao lado das mais “acadêmicas” sobre a interpretação de Benjamin apontadas acima.

Nossa questão é como lemos o livro hoje. Tenho impressão de que os elementos que podem tê-lo tornado um tanto datado frente à pesquisa recente são justamente aqueles que lhe conferem uma nova atualidade. Apresentar Benjamin pelo viés da dimensão política da conexão entre teologia e materialismo, um escolha que hoje poderia estar fora de moda ou passar por “extemporânea” (um termo caro à autora), ganhou um novo sentido. Pois, por uma reviravolta histórica, os acontecimentos dos últimos anos nos reaproximaram da experiência confrontada por ele. A conjunção de fracasso social-democrata e ascensão da extrema direita não é apenas a experiência da geração de Benjamin, mas também uma descrição aproximada da nossa situação. O anacronismo se tornou atualidade, o que altera nossa posição perante o livro. Contra a expectativa de voltar um pouco atrás para

7 GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

reatar com o fio rompido da continuidade, o contexto recente torna necessário pensar mais uma vez a conjunção de progresso e catástrofe. A estratégia de Jeanne Marie de ler a trajetória de Benjamin a partir do sentido político do movimento entre os extremos termina por convergir com as nossas exigências mais urgentes. É esta inesperada atualidade que torna a nova edição de *Os cacos da história* mais que oportuna.

Recebido em 01.08.2019.

Aceito para publicação em 01.11.2019.

© 2019 Luciano Gatti.

Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)